

PREFÁCIO

Ao longo dos últimos anos tivemos a oportunidade de ter contado com a colaboração de diversos colegas, docentes e investigadores de diversas faculdades, mas também com profissionais no terreno, para debater questões do desenvolvimento e da intervenção psicológica com famílias. Estes encontros decorreram por ocasião de pós-graduações ou mestrados que temos vindo a desenvolver na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Surgiu, assim, a intenção de passar a papel os valiosos contributos resultantes das experiências e reflexões deste conjunto de colegas que com entusiasmo abraçaram este projecto e lhe deram alento. Com pena nossa alguns deles não tiveram, por razões diversas, a possibilidade de reunir as condições para o concretizar. A todos, porém, o nosso muito obrigada. Também um agradecimento à D. Luísa Santos e à Dra. Joana Vieira que reviram cuidadosamente as referências bibliográficas de todos os capítulos. Ao Arq. José Brandão, autor da capa deste livro, pela criatividade que colocou na apresentação do mesmo. E, finalmente, à editora LivPsic, na pessoa do Sr. Américo Moreira, que imediatamente acolheu este projecto e lhe fixou um lugar e um tempo, proporcionando a sua publicação.

Ainda uma palavra para todos aqueles que, em situações muitas vezes precárias, procuram cuidar das famílias e ajudá-las a lidar com os desafios e as vicissitudes com que se confrontam no seu ciclo de vida. A pensar neles e nas famílias com que se vão cruzando no seu quotidiano, simbolicamente os direitos de autor deste livro serão canalizados para o Gabinete de Atendimento à Família. O Gabinete de Atendimento à Família é uma Instituição Privada de Solidariedade Social, situada em Viana do Castelo com 17 anos de existência. Tem por missão, com um espírito humanista e solidário, desenvolver respostas psicológicas e sociais de qualidade que promovam os direitos, a qualidade de vida, a inclusão e a cidadania de indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social e/ou económica.

Quando pela primeira vez contactámos os autores deste projecto, quisemos intencionalmente não dar instruções rígidas para o formato dos capítulos. Pelo contrário, pretendíamos que cada um colocasse a sua própria singularidade no modo de organização do texto. Apenas sublinhámos a nossa intenção de que o livro pudesse dar resposta a algumas necessidades de formação de estudantes, investigadores, psicólogos e outros profissionais interessados no desenvolvimento das famílias e na intervenção com as famílias. O processo foi moroso, porque cada vez se torna mais difícil dar resposta à multiplicidade de pedidos e exigências que atravessam a vida universitária, mas o produto final, cremos nós, cumpre o desígnio proposto.

É já uma banalidade dizer-se que as famílias estão a passar por fortes transformações, não só do ponto de vista socioeconómico e cultural, mas também do ponto de vista da sua estrutura e dos processos e dinâmicas psicológicas que as caracterizam. Algumas destas transformações retomam velhas questões, outras exigem que se

produzam novas lentes e grelhas de leitura teóricas e conceptuais que permitam identificar ferramentas e estratégias inovadoras para fazer face a novos problemas. Neste contexto, o presente livro aborda um conjunto diverso de problemáticas e possibilidades actuais de intervenção com famílias.

O livro tem início com um capítulo de Maria Emília Costa acerca da sexualidade e intimidade nos sistemas relacionais adultos tendo como referenciais a teoria da vinculação e a visão sistémica da relação de casal, atendendo particularmente às questões de intervenção junto dos mesmos no sentido de poder contribuir para a vivência de relações mais seguras, sexual e intimamente gratificantes.

No segundo capítulo, Raquel Barbosa, Paula Mena Matos e Maria Emília Costa também a partir de um enfoque da teoria da vinculação, procuram compreender a experiência idiossincrática do corpo, do toque e contacto físicos a ele associados, entendida como uma construção que se opera em contexto, designadamente com a família e enquanto componente fundamental das relações afectivas e do bem-estar físico, psicológico e social do indivíduo. São relevadas, ainda, questões de intervenção junto de adolescentes e dos seus contextos de vida numa perspectiva ecológica e preventiva em ordem à promoção de mudanças em diversas áreas associadas à vivência corporal

No terceiro capítulo, Ana Cristina Rocha e Cidália Duarte discorrem acerca das dificuldades que as famílias com filhos adolescentes possuem ao falar de sexualidade. Neste sentido, abordam inicialmente o desenvolvimento psicosexual do adolescente para posteriormente procurar dar algumas respostas que a investigação no domínio tem procurado salientar, destacando que, apesar da natureza delicada da temática, o confronto com a mesma é inevitável, quer se trate de famílias tradicionais ou não, aquando da tarefa de educar os seus filhos no decurso do desenvolvimento dos mesmos e, tendo em conta, a comunicação entre diversos sistemas que se entrecruzam com a família.

No quarto capítulo, Carla Crespo recupera o conceito de ritual associado à vida familiar enquanto organizador do “tempo familiar”. Assim, encontros, momentos especiais (anunciados ou não) que assinalam transições de vida nas famílias e que marcam o ciclo de vida das mesmas são descritos neste capítulo como uma das dimensões centrais às vivências familiares, tendo por base uma investigação desenvolvida pela autora e enfatizando a idiossincrasia e particularidades de que cada família é feita.

Os três capítulos que se seguem abordam o tema do conflito sob diferentes perspectivas. Cidália Duarte, no quinto capítulo, fala-nos do conflito e da violência nas relações de conjugalidade procurando aprofundar algumas das inúmeras variáveis que estão na sua génese, numa perspectiva integrativa e sistémica. Reflecte, ainda, sobre as dificuldades de investigação e de intervenção nesta área, e sobre a necessidade de otimizar recursos para a promoção de intervenções preventivas junto de jovens e adultos em ordem à assunção dos conflitos como fonte de criatividade e diferenciação e à prevenção de situações de violência de maior severidade.

No sexto capítulo, Catarina Mota e Paula Mena Matos discutem as implicações que os conflitos interparentais têm no desenvolvimento emocional e na adaptação psicossocial de adolescentes. Através da revisão da literatura no domínio, destacam o papel determinante das figuras parentais bem como de outros significativos

(irmãos e avós) no modo como os jovens (re)organizam situações de risco, privilegiando uma análise sistémica do fenómeno. Finalmente, apelam para a necessidade de promover práticas e intervenções junto de pais e terapeutas.

Finalmente, Lucinda Gomes e Maria Teresa Ribeiro situam historicamente a identidade da mediação familiar em torno de modelos teóricos da Psicologia, do Direito e do Serviço Social, propondo a necessidade de autonomização de um corpo de conhecimentos próprio. Para além disso, exploram a influência dos estilos parentais na formação das decisões parentais responsáveis, no âmbito da regulação do exercício das responsabilidades parentais, na fase do divórcio/separação.

Mas este livro aborda também alguns temas específicos de saúde que atravessam as vidas das famílias. Neste sentido, o oitavo capítulo, de Paula Oliveira e Maria Emília Costa, trata de uma das síndromes de dor crónica mais em voga actualmente – a fibromialgia. É feita uma revisão dos estudos empíricos desenvolvidos à luz da teoria da vinculação e são apresentados detalhes sobre um estudo levado a cabo em Portugal pelas autoras. A intervenção é realçada ao longo de todo o capítulo, com especial enfoque no impacto que a fibromialgia tem na conjugalidade, e destacando a necessidade de uma abordagem multidisciplinar que valorize variáveis orgânicas e psicossociais.

O nono capítulo, da autoria de Sofia Pais e Isabel Menezes, incide sobre as experiências das famílias com crianças com doença crónica reconhecendo a escassez de investigação na área. **À luz de um estudo realizado em Portugal pelas autoras, são discutidas as implicações que estas vivências possuem no clima familiar afectando a qualidade de vida dos seus elementos bem como formas de intervir e lidar construtivamente com esta vivência.**

Hugo Cruz descreve, no décimo capítulo, formas recentes e inovadoras de intervenção com pais e famílias apelando essencialmente à sua tarefa de educadores, trazendo para o domínio da educação parental o contributo do teatro. Em particular debruça-se sobre as potencialidades do teatro do oprimido como ferramenta de intervenção proporcionadora do empoderamento dos indivíduos.

Dando lugar aos idosos, Margarida Pedrosa Lima reflecte, no penúltimo capítulo, sobre as vantagens de intervenção em grupo com idosos, quer estejam ou não em contexto institucional, em ordem à promoção da sua qualidade de vida e consequente bem-estar físico, psicológico e social.

Finalmente, no décimo segundo e último capítulo, Paula Mena Matos fala-nos das “famílias” dos psicoterapeutas. Numa obra em que transversalmente se realçaram questões de intervenção, nomeadamente, pensando nos psicólogos que com as diversas problemáticas apresentadas lidam quotidianamente, faz sentido pensar sobre as “famílias afectivas” dos terapeutas mas também sobre outras “famílias”, as “famílias teóricas” que constituem os seus guiões, modelos, mapas que servem para nortear as suas intervenções e o modo como elas são conceptualizadas. Neste sentido, a autora apresenta questões do desenvolvimento do terapeuta enquanto pessoa e profissional, relevando essencialmente os contributos da teoria da vinculação neste domínio.

A todos uma boa leitura.

As coordenadoras